

A CADEIA PRODUTIVA DO LEITE: UMA ALTERNATIVA PARA CONSOLIDAR A AGRICULTURA FAMILIAR NAS FRENTES PIONEIRAS DA AMAZÔNIA ?

René Pocard-Chapuis¹, Jonas Bastos da Veiga², Marie-Gabrielle Piketty³, Cristóvão Morelly Kaneyoshi Hashiguti de Freitas⁴, Jean-François Tourrand¹

INTRODUÇÃO

Nos programas de colonização e desenvolvimento rural da Amazônia, a precaridade de acesso a mercados agrícolas tem sido apontada como um dos fatores mais limitantes: a desorganização das cadeias produtivas é um fato relativamente comum em área de fronteira. Esta deficiência estaria enfraquecendo a viabilidade dos sistemas de produção familiares, os quais estão obviamente na dependência do preço e das condições de escoamento da produção. Por outro lado, a evolução regional das frentes pioneiras nos últimos anos vem favorecendo nitidamente a implantação de agroindústrias, dando novos impulsos ao fortalecimento das cadeias produtivas. Conseqüentemente os determinantes das estratégias dos atores se encontram modificados: preços, qualidade dos produtos, fatores de segurança e regularidade na renda das propriedades ... etc . A literatura mostra, que em outras regiões essa evolução não se deu sempre com vantagens da Agricultura Familiar (AF), podendo levar, por exemplo, ao fracasso da maioria e à emergência duma nova classe de *business farmers* em propriedades de tamanho médio altamente tecnificadas e capitalizadas. Assim o debate, já antigo, mas sempre crucial sobre a consolidação da AF na Amazônia ganha novos horizontes, e se coloca a seguinte pergunta chave: em que medida as mudanças nas cadeias produtivas podem beneficiar à agricultura familiar ?

A CADEIA PRODUTIVA DO LEITE NA AMAZÔNIA ORIENTAL : HÉTÉROGENEIDADE REGIONAL MARCANTE

NA TRANSAMAZÔNICA : DIFICULDADES DE EMERGÊNCIA DUMA CADEIA PRODUTIVA

Uruará é um município localizado a 180 km no oeste de Altamira, na rodovia Transamazônica, região de frente pioneira desde 1970. A maior parte das superfícies

¹ Convênio EMBRAPA-UFPa-CIRAD ; rene@amazon.com.br

² Convênio EMBRAPA-UFPa-CIRAD ; jonas@cpatu.embrapa.br

³ Convênio EMBRAPA-UFPa-CIRAD ; piketty@cirad.fr

⁴ Convênio EMBRAPA-UFPa-CIRAD ; morelly@terra.com.br

agrícolas abertas pertence à A F, a qual desenvolve sistemas de produção diversificados onde a pecuária tem um papel central (venda de bezerro, valorização do lote ... etc.). Se o auto-consumo do leite é freqüente nas propriedades, sua comercialização é fraca e limitada às propriedades vizinhas do único centro consumidor, a sede do município : a precariedade das vias e dos meios de transporte limitam a extensão da bacia leiteira. A baixa capacidade de absorção do mercado (cerca de 2000 litros/dia) também não abre perspectivas para aumento significativo da produção. Apenas quarenta produtores, localizados nas proximidades da sede do município, vendem o leite cru diretamente ao consumidor urbano. Em outras palavras não existe cadeia produtiva e o produtor assume as três funções de produção, transporte e comercialização. Isso requer uma grande disponibilidade em tempo e mão de obra. Além do mais ele deve suportar um risco relativamente alto: a concorrência na venda é acirrada, e em muitos casos não se tem segurança de vender todo leite do dia. Isso vai depender também da competência comercial do produtor (tornar a clientela fiel). Por outro lado o preço de venda é relativamente elevado, cerca de R\$ 0,50 - 0,60 por litro. Adicionado à venda do bezerro, o sistema proporciona uma renda que sustenta a propriedade (Morelly, 2000). Este fato justifica a progressiva especialização no leite e a nítida vontade de aumentar a produção. Todavia, essa perspectiva é contrariada: (i) à jusante, na cadeia, o mercado é limitado; (ii) as conexões com a parte à montante, da cadeia são precárias, dificultando a adoção de tecnologias e o aumento da produtividade. O acesso à insumos, genética, tecnologia e informação, é problemático em toda região. Este papel poderia teoricamente ser preenchido pelas organizações de produtores, laticínios e poderes públicos. Numa escala de observação municipal, a produção de leite não aparece como um fator importante de desenvolvimento, pelo menos na situação atual: dos 30.000 moradores rurais no município (IBGE, 1996), apenas 40 famílias tiram renda da comercialização de leite cru ... Além disso, o sistema da venda direta não gera efeitos nos setores secundários e terciários da economia (não há geração de empregos industrial e comercial).

Frente a essa situação, existe uma vontade forte por parte destes produtores leiteiros para implementar um laticínio, visando pasteurização e distribuição do leite na cidade. Dessa forma o produtor considera que poderia consagrar seu tempo à produção, sendo que o laticínio comunitário se encarregaria das vendas (associação ou cooperativa). Uma indústria

¹ Convênio EMBRAPA-UFPa-CIRAD ; Tourrand@aol.com

de pequeno porte voltada unicamente ao mercado interno do município não teria grandes dificuldades a se implantar, inclusive graças à existência de programas de créditos proporcionados pelo BASA¹. Os problemas atuais decorrem mais das dificuldades em montar uma estrutura comunitária do que de fatores econômicos ou logísticos. Mas como já foi dito, seu impacto econômico para o município seria relativamente pequeno, uma vez que o mercado interno é limitado. Para gerar um impacto sensível no mundo rural, seria necessária uma estrutura maior que compraria o leite de mais propriedades. Teria que ganhar faixas em mercados mais remotos, enfrentando as dificuldades de transporte do produto acabado. A infra-estrutura da rodovia Transamazônica é extremamente precária e permite apenas a exportação de queijos. Para atingir os mercados promissores de Belém e Macapá, a carga seguiria via terrestre até o porto de Vitória do Xingú e em seguida via fluvial para Belém ou Macapá (o mesmo circuito do gado em pé, segundo Pocard-Chapuis, 1997). Uma terceira possibilidade seria seguir por estrada até Marabá para atingir mercados nordestinos, mas a precariedade do trecho Altamira-Marabá torna muito incerta e onerosa essa opção. Para suportar estes custos de transporte e se posicionar nos mercados competidos das metrópoles amazônicas, deve se atingir um volume de produção que proporcionasse economias de escala suficiente. A noção de qualidade também passaria a ser seletiva, pelos mesmos mecanismos que atuam na cadeia de carne bovina (Famaro, 1998). O investimento industrial seria alto em termos financeiros e de recursos humanos qualificados, e acessível apenas para grupos privados¹. Estes têm receio a se implantar numa região isolada dos circuitos comerciais onde as infra-estruturas ainda estão pouco desenvolvidas: o nível de custos e riscos ultrapasse o interesse de explorar a matéria prima local.

Em resumo, existe no setor de leite um potencial produtivo muito grande na Transamazônica, devido à presença de um grande rebanho de aptidão leiteira e a forte implantação duma agricultura familiar à procura de opções viáveis para produção agrícola (pronta a desenvolver sistemas leiteiros). Todavia, as condições de isolamento dificultam a coleta da matéria-prima e o transporte dos produtos acabados, afastando as redes de indústrias e tornando inacessíveis os grandes mercados nacionais ou regionais nas condições atuais. A pecuária leiteira continua inexplorada ou voltada para o auto-consumo

¹ Banco da Amazônia S.A.

familiar. Os pequenos laticínios da Transamazônica utilizando tecnologias básicas para abastecimento local em produtos simples (leite pasteurizado, queijo mussarela, iogurtes), gerando poucos efeitos sobre a AF.

SUL DO PARÁ: AS CONDIÇÕES FAVORÁVEIS PARA EMERGÊNCIA DUMA GRANDE BACIA LEITEIRA

Deste ponto de vista, o Sul do Pará apresenta um quadro bem mais favorável. Em nível de produção agrícola e de uso da terra, a região é dominada pela engorda de boi em grandes fazendas. Duma forma ainda mais nítida que na Transamazônica, a produção familiar aproveita a demanda permanente por bezerros e desenvolve sistemas de produção voltados à pecuária de cria. Pelas mesmas razões que na Transamazônica, o rebanho familiar é de aptidão mista carne/leite. Os primeiros laticínios surgiram de forma similar à região de Uruará: para abastecer os mercados locais com leite pasteurizado e às vezes, iogurtes. Mas o fácil acesso rodoviário para outros centros de consumo no Nordeste do País levou alguns empreendedores a adequar as fabriquetas para produção semi-artesanal² de queijo, seguindo exemplos ocorridos no vizinho Estado do Tocantins. Essa produção era destinada às periferias das grandes capitais nordestinas e às cidades do interior: são mercados pouco preocupados com a qualidade do produto, e sim com seu preço. Este espaço livre na parte à jusante permitiu o aumento da produção na parte à montante da cadeia produtiva. Uma cadeia de baixa qualidade se estruturou, com volume de produção crescendo rapidamente. Assim foi criada uma primeira rede de laticínios no Sul do Pará, que abriu novas fabriquetas em várias cidades como Conceição do Araguaia, Redenção, Rio Maria, Xinguara. Nos arredores, bacias leiteiras começaram a aparecer, cada vez mais extensas devido a atuação dos *freteiros*, proprietários de pick-up percorrendo as vicinais e coletando o leite nas porteiras para revender nas plataformas³, cuja capacidade acompanhava o aumento permanente de matéria prima. Dessa forma o produtor passava a tirar e comercializar seu leite diariamente, completando a renda pontual do bezerro pela renda quinzenal do leite. Uma nova fase teve seu início nos meados da década de 90, com a entrada de laticínios de maior porte (redes nacionais). A conjuntura nacional na cadeia do

¹ no quadro do sistema neoliberal brasileiro

² com equipamentos rudimentar e sem inspeção sanitária

³ ou recebendo do laticínio um percentual financeiro sobre volumes coletados

leite (Jank et al, 2000) levou à expansão da "fronteira branca", a fronteira do leite, em direção às periferias da Amazônia, principalmente o Sul do Pará e o Rondônia. As bacias emergentes no Norte se tornam um alvo natural e descobre-se na escala nacional as vantagens comparativas da Amazônia para produção de leite: produção regular durante o ano, perspectivas promissoras de ganhos de produtividade nas fazendas, custo de produção baixo e no caso de Sul do Pará e Rondônia, acesso rodoviário bom o ano todo, assim como a proximidade relativa de grandes centros consumidores (Poccard-Chapuis et al., 2000). Essas redes de laticínios entram na região comprando as fabriquetas e sua freguesia de produtores, modernizam as plantas e entram num processo de concorrência com as outras indústrias implantadas ou em fase de implantação. A arma é o aumento do preço na porteira e o objetivo a criação de áreas de monopólio na coleta. Elas desenvolvem estruturas em estrela, onde uma unidade principal recebe a produção de unidades avançadas, disseminadas no território. Em alguns casos, o beneficiamento é feito nas unidades avançadas e o produto que circula é um produto acabado, pronto para ser embalado. Em outros casos as unidades avançadas trabalham apenas com coleta e resfriamento da matéria-prima, a qual é transportada a granel para beneficiamento na unidade central¹. Dessa forma há uma vontade de dividir ou repartir o espaço produtivo entre as redes de laticínios. Em outras palavras, uma rede faz de tudo para abrir laticínios inclusive nas áreas mais remotas antes que a concorrência o faça, e procura fidelizar os produtores. Se conseguir segurar a maior parte do potencial local, o concorrente não terá retorno suficiente que compensasse um investimento na mesma área: o território está conquistado. Depois de estabelecer as fronteiras geográficas da sua bacia, cada indústria trabalha para diminuir seus custos de produção, investindo, por exemplo, em transporte a granel, aumento da produtividade e da qualidade na fonte, e finalmente ... menor preço da matéria-prima. Significa que após a conquista de espaços de fronteira agrícola, a indústria trabalha a transformá-la em bacia leiteira estruturada. Eliminando a concorrência na sua área geográfica de coleta, a indústria corta o poder de mercado dos criadores e passa a dominar a parte à montante da cadeia. A bacia leiteira se encontra estruturada do ponto de vista da indústria, isso é o contexto ideal para entrada dum rede de porte maior ainda (a internacional), que no Sul do Pará compraria as redes atuais e traria as suas próprias normas de produção. Essa idéia mostra

¹ Este sistema existe atualmente apenas na forma de projeto industrial.

que o laticínio tem ação forte de transformação dos espaços pioneiros em poucos anos. Essa dinâmica encontra condições relativamente favoráveis no Sul do Pará devido (i) a forte implantação da pecuária (Ludovino, 1996), inclusive na tradição e na memória dos colonos, (ii) uma situação geográfica privilegiada em termos de infra-estruturas e arranjo do espaço nacional.

Em resumo, em poucos anos o Sul do Pará passou duma relativa ausência de produção de leite a uma situação de concorrência entre grandes redes de laticínios, com perspectivas imediatas de especialização regional da AF na produção de leite, como aconteceu no Goiás. Essa evolução importante se deve à iniciativa privada, e ao contrário de Uruará, a indústria vem estimulando a produção agrícola com uma grande eficiência.

ZONA BRAGANTINA: UMA ATIVIDADE MARGINAL

Um terceiro tipo de organização da cadeia do leite se encontra na zona Bragantina¹, nos arredores da cidade de Castanhal. Ao contrário do Sul do Pará e da Transamazônica, se trata duma área de colonização relativamente antiga no contexto amazônico. A instalação de colonos se iniciou no século passado com a construção da linha de trem Belém-Bragança, por migrantes nordestinos. Hoje as áreas cobertas por floresta primária são mínimas², limitadas às margens de alguns rios: o espaço é fechado do ponto de vista agrícola e fundiário. Se trata da região mais densamente povoada da Amazônia, possui uma rede relativamente densa de estradas asfaltadas que ligam as numerosas cidades Bragantinas com a capital Belém. Ao contrário das regiões de fronteira, o preço da terra e da mão de obra rural é relativamente elevado; a Zona Bragantina é beneficiada por infra-estruturas desenvolvidas e por sua proximidade com um grande mercado consumidor (Belém, com cerca de 1,8 milhões de habitantes). No que se refere aos produtos leiteiros, o consumo de Belém é relativamente diversificados: leite pasteurizado e longa vida, diversos tipos de queijos, iogurtes e bebidas lácteas, produtos lights³ ... etc. A estrutura da distribuição é típica das grandes cidades brasileiras, com uma faixa crescentes de supermercados e a atuação de atacadistas trabalhando com produtos importados de outras

¹ Do nome da cidade de Bragança, no litoral paraense a meio caminho entre Belém e São Luis do Maranhão, e que teve um papel de pólo regional importante antes da construção de estradas.

² 5 a 8% segundo as estimativas

³ Com baixo teor de gordura

macroregiões do Brasil (Sudeste e Centroeste). Dessa forma, a indústria local encontra concorrência acirrada nos preços e dificuldades para satisfazer as exigências da grande distribuição em termos de volume de mercadoria, prazo de pagamento e qualidade de produtos. O jogo das vantagens comparativas¹ deixa alguns nichos de mercado para os laticínios da região: produtos mais perecíveis, venda direta ao consumidor ou padarias. Além de concorrência nos mercados, os laticínios da região Bragantina enfrentam um contexto difícil em nível de coleta de matéria-prima. Uma pesquisa recente com todos produtores leiteiros da bacia de Castanhal (Poccard-Chapuis et al, 2000) mostrou que :

- dos 142.000 moradores rurais nos 5 municípios que compõe a bacia (IBGE 1996), apenas 40 produtores comercializam seu leite em laticínios, totalizando cerca de 3.800 litros diários.
- 69 % dos produtores leiteiros não pertencem à agricultura familiar, ou seja, 76% do volume de leite cru comercializado.
- o preço do leite na plataforma é cerca de 30 % mais elevado que em outras regiões do estado

São indicadores duma situação agrícola atualmente pouco favorável à exploração de setor leiteiro. De fato, a produção de leite é uma atividade relativamente marginal no âmbito regional, uma vez que as condições agro-ecológicas², a presença de várias agroindústrias processadoras de frutas de grande porte, a existência duma cadeia produtiva eficiente para pimenta-do-reino e outras culturas perenes, a possibilidade de comercializar hortaliças diretamente nas feiras de Belém, a tradição agrícola dos migrantes nordestinos, facilitam outras atividades produtivas para agricultura familiar, sem ser a pecuária leiteira. Além disso, as décadas de êxodo rural e de especulação fundiária colocaram grande parte das terras agrícolas na periferia das cidades – teoricamente mais favoráveis à produção de leite – na mão das elites urbanas, cujos objetivos não visam a atividade produtiva e sim a manutenção de um capital fundiário, dum espaço de lazer familiar, dum objeto de valorização social ... etc. Conseqüentemente, a produção de leite entra apenas como forma de cobrir as despesas da fazenda³ e mantê-la produtiva a custo mínimo¹. Neste quadro de

¹ Principalmente a proximidade geográfica que diminui custo e tempo de transporte, essenciais para produtos mais perecíveis

² Estação seca pouco marcada, solo com boa estrutura

³ Principalmente a mão-de-obra

pouco interesse para atividade leiteira em si, os laticínios devem oferecer condições de preço vantajosas para garantir o acesso à matéria-prima, o que vem estimulando a concorrência. Dessa forma a indústria local sofre uma tríplice pressão: preço alto da matéria prima, concorrência para captá-la, concorrência e exigência de qualidade no mercado. Este fato explica o porque dos laticínios encontrados sejam de pequeno porte, às vezes trabalhando exclusivamente com matéria-prima importada, na forma de leite em pó. Todavia, as mudanças de comportamento do próprio consumidor abre cada vez mais espaço para os produtos locais, e medidas podem ser tomada para fortalecer a produção local de leite.

As situações apresentadas acima mostram claramente que em função das configurações da cadeia, as alternativas para o produtor mudam radicalmente, necessitando políticas públicas adequadas.

OS DETERMINANTES DA DINÂMICA DA CADEIA PRODUTIVA, E SUAS CONSEQUÊNCIAS SOBRE A VIABILIDADE DA AF

VANTAGENS DA PECUÁRIA LEITEIRA PARA AGRICULTURA FAMILIAR

O desenvolvimento da atividade leiteira pode proporcionar uma série de vantagens ao produtor familiar da Amazônia. Em primeiro lugar, se trata duma atividade adequada aos sistemas de produção implementados nas fronteiras, pelo fato de valorizar os bovinos sem raça definida², de fraco desempenho para produção exclusiva de carne. A venda do leite proporciona ao produtor uma renda tão segura como a carne, e com maior frequência: o leite cobre as despesas domésticas. Além disso, a mão-de-obra familiar é mais aproveitada, uma vez que não há mais tempo gasto na venda do leite cru na cidade ou na fabricação artesanal de queijo. O fato do carro de leite passar diariamente na porteira é um meio eficiente de quebrar o isolamento do produtor, freqüentemente descrito como o principal fator de fracasso da AF de fronteira. O freteiro pode trazer compras que serão pagas em

¹ O cultivo da pastagem é a melhor e mais barata forma de marcar a terra e de conter as invasoras. No contexto de luta pela terra, uma fazenda julgada improdutiva pode ser invadida por movimentos de sem-terra, perspectiva que assusta qualquer proprietário fundiário.

² "Pé duro", a maior parte do rebanho atual da AF na Amazônia

leite ou levar uma pessoa para a cidade quando for necessário. Trata-se duma forma de transporte e de crédito a curto prazo e sem juro, que proporciona acesso aos insumos, serviços básicos e consumo doméstico. Em muitos casos o laticínio financia também fatores de produção ou de aumento da produtividade. Ele se torna um vetor de transferência de tecnologias: seu faturamento e sua margem de lucro dependem da eficiência dos serviços prestados ao produtor. Pela comercialização do leite, o produtor entra num sistema que lhe proporciona numerosas vantagens e isso logicamente vem influenciando suas decisões e estratégias, tanto individuais como a nível de grupo. Do ponto de vista social, pode ser uma forma de diminuir o êxodo rural ou a migração do colono mais floresta adentro e por via de conseqüência a pressão de desmatamento. Do ponto de vista do produtor, é uma forma de garantir a reprodução da sua família. Essa tendência vem desencadeando uma série de processos, gerando efeitos diretos e indiretos no desenvolvimento em nível da bacia leiteira. A geração de renda para os produtores e de empregos urbanos facilita a implantação dos comércios de produtos básicos, fortalecendo em cada vila seu papel de pequeno pólo estruturando o espaço pioneiro. A manutenção das estradas pelos carros de leite garante uma melhor trafegabilidade das vicinais inclusive no período chuvoso. Sendo um fator de desenvolvimento local, o laticínio acaba tendo um peso político importante, que ele negocia com os candidatos em troca de manutenção de estrada, eletrificação e outros fatores de produção que beneficiam toda a população. Em outras palavras, o desenvolvimento duma cadeia produtiva do leite proporciona efeitos positivos sobre a maioria dos fatores de viabilidade da Agricultura Familiar nas fronteiras agrícolas da Amazônia, como definidos por Tourrand et al (2001). Todavia, em poucos casos, as condições são reunidas para que a cadeia possa se desenvolver de maneira tão eficiente. Além disso, a evolução da cadeia pode trazer impactos bem mais negativos para AF, como sugerido no parágrafo precedente. Uma forma de analisar essas diferenças é de desenhar as fases de estruturação da cadeia do leite na Amazônia.

AS FASES DE ESTRUTURAÇÃO DAS CADEIAS E SEU IMPACTO SOBRE AF

No caso da Amazônia Oriental brasileira, podemos destacar 3 grandes fases de organização da cadeia produtiva do leite, como sintetizado na tabela 1 e ilustrada a partir de exemplos nos parágrafos acima. A primeira se caracteriza pela ausência de indústria, a segunda pelas

indústrias de porte suficiente para atingir grandes volumes de produção e mercados remotos e a terceira por um nível avançado de infra-estruturas e desenvolvimento regional. Devemos ressaltar que apesar da articulação lógica entre as fases, não há necessariamente sucessão cronológica. Por exemplo, a região de Castanhal passou da fase 1 à fase 3 sem conhecer a fase 2.

Na primeira fase o leite é uma atividade de auto-consumo para muitas propriedades, mas constitui uma oportunidade comercial apenas para aquelas localizadas às proximidades da cidade. Neste caso o produtor desfruta um preço alto que, se for combinado a um volume de produção suficiente, pode proporcionar uma renda muito satisfatória¹. Mas, rapidamente se chega ao ponto de saturação, tanto do ponto de vista mercadológico (saturação da demanda) como geográfico (limitação espacial da bacia devido o tempo de transporte e a conservação do produto não resfriado). O fato das ligações à montante e à jusante na cadeia serem precárias, dificultam qualquer trabalho para ganho de produtividade. Os sistemas técnicos utilizados permanecem muito rudimentares e geram baixa qualidade do produto. Como o leite não passa por um laticínio, o controle de qualidade se torna muito difícil, o que pode levar a riscos para a população. Os poderes públicos podem intervir apenas na conscientização do consumidor e na legislação da produção, como aconteceu em Uruará para vacinação contra brucelose². A ausência de cadeia organizada impede o controle da qualidade, o melhoramento dos sistemas de produção, o crescimento e a estruturação duma bacia leiteira, a geração de empregos, renda e serviços em meio rural e urbano. O efeito positivo sobre a agricultura familiar é mínimo, limitando o desenvolvimento regional. Essa situação de bloqueio na dinâmica da cadeia pode evoluir relativamente facilmente para implementação dum pequeno laticínio, voltado ou ao abastecimento interno do município em leite pasteurizado ou à comercialização de queijos e iogurtes em mercados regionais como Santarém ou Macapá.

Para isso os produtores devem aceitar um preço do litro menor, compensado pelo ganho de tempo, segurança na venda, possibilidade de aumento da produção e acesso mais fácil aos insumos. Outra condição é a disponibilidade de um capital financeiro para montar a planta e garantir o capital de giro. Exemplos mostram que o empréstimo bancário ou a atuação de

¹ Em comparação aos outros sistemas de produção na região

² Essa campanha de vacinação dos rebanhos leiteiros, com distribuição de certificados para os produtores envolvidos, foi liderada pela prefeitura municipal, e constitui uma exceção ainda rara na região.

ONG's¹ podem resolver este problema. A dedicação de um serviço de assistência técnica apoiada pela Pesquisa e Desenvolvimento é necessária para estimular as mudanças técnicas impostas pelo acesso a mercados mais distantes e exigentes. Enfim, já que a cadeia vem integrando novas funções de beneficiamento e comercialização, o sucesso do sistema passa a depender das competências disponíveis nestes ramos. Assim, a formação de um bom queijeiro e a de um gerente comercial não devem ser subestimadas. Neste último ponto também os órgãos públicos possuem estruturas adequadas. Todavia, como estipulada na tabela 1, o maior problema para implementação duma cadeia que ultrapasse o município é a possibilidade física de acesso a mercados distantes: a trafegabilidade das estradas. As pesquisas mostram inclusive que os eixos de escoamento do produto acabado são prioritários em relação aos eixos de coleta de matéria-prima.

Na segunda fase a implementação da indústria gera os diversos efeitos positivos descritos acima. Estes são proporcionais a: (i) o volume de produção da indústria, que determina o número de produtores envolvidos, e (ii) o grau de concorrência entre indústrias : a agricultura familiar se beneficia das políticas industriais de fidelização dos produtores. As redes de laticínio, que desfrutam um acesso seguro ao mercado, tentam conquistar novos espaços de produção familiar, e convertê-los em bacias leiteiras. Deve-se ressaltar que além de coletar leite cru, estas unidades avançadas podem também comprar queijos fabricados artesanalmente em lugares ainda mais isolados, floresta adentro. Este queijo será ralado e comercializado nos mercados nacionais: pela abertura de laticínios em área de fronteira, a demanda nas maiores cidades do país acaba viabilizando a pecuária leiteira na ponta das frentes pioneiras. Todavia, o amadurecimento dessa situação, pode acabar prejudicando o produtor, que frente às boas condições oferecidas pelo laticínio se especializa na pecuária leiteira, deixando de lado outras atividades agrícolas e se tornando dependente do leite para o funcionamento do seu estabelecimento. A médio prazo ele não terá mais opções a não ser aceitar as condições de preço e qualidade imposto pelo laticínio. O mesmo pode sofrer pode sofrer exigências crescentes por parte dos seus clientes, e repassa-las para o produtor. Dessa forma as mudanças mercadológicas na parte final da cadeia, dominadas pelo marketing dos grandes distribuidores, vêm alterando as condições de produção nas frentes pioneiras

¹ Santarém, Tucuruí, Rurópolis ...

agrícolas. A organização da cadeia permite o escoamento da produção, mas em contrapartida, transmite a seletividade do mercado. A legislação sanitária vem reforçando essa exigência da cadeia, com objetivo de proteger a saúde pública e tornar a produção nacional competitiva no quadro da economia globalizada, mais especificamente em nível de MERCOSUL. Frente a essa seletividade, o setor de produção¹ deve se adequar, aumentando a produtividade e a qualidade. Este mecanismo ainda não se implementou plenamente na Amazônia, ao contrário de outras bacias mais antigas como o nos Estados de Goiás e de Minas Gerais, onde existe uma problemática forte de re-inserção dos produtores familiares excluídos do setor leiteiro. Neste quadro, a assistência técnica tem um papel fundamental a assumir, complementada pela Pesquisa e Desenvolvimento que vem identificando as técnicas e práticas mais adequadas. Uma política pública de preço mínimo na porteira traria mais confiança para o produtor entrar na adoção de novas práticas, e de diminuir o risco de abuso de posição de monopólio pela indústria.

Na terceira fase, a região já não se define mais como uma frente pioneira, devido o grau de desenvolvimento de infra-estrutura, população, serviços ... etc. Observa-se que neste caso o acesso a mercados e insumos não é mais tão problemático como em área de fronteira. O consumo urbano, mais desenvolvido, representa uma demanda mais diversificada em produtos agrícolas, que são oportunidades para a AF. Também a presença de investidores nacionais e estrangeiros leva à abertura de agroindústrias e exportadoras, as quais incluem a agricultura familiar como seus fornecedores (frutas, pimenta do reino ... etc.). Observa-se que os benefícios trazidos pela implementação de laticínios em área de fronteira, não funcionam em área de colonização mais antiga. A estrutura fundiária, mais fina, também não favorece a pecuária bovina. Apenas uma pequena minoria da AF entra no ramo leiteiro, sempre por motivos relativamente pessoais como tradição familiar. Por outro lado, a disponibilidade em subprodutos nas agroindústrias², proporcionam uma fonte suplementar na alimentação do rebanho, que aumentam a produtividade³. A presença de uma agricultura capitalizada⁴ pode favorecer a adoção de tecnologias e a produção de uma matéria-prima de qualidade. Essas vantagens comparativas regionais poderiam ser exploradas, uma vez que

¹ Da indústria também

² Mandioca, maracujá, dendê, cevada

³ Se acompanhados de melhor gestão da pastagem, mineralização adequada, uso de capineira ... etc.

⁴ Mas atualmente pouco interessada em investir na produção de leite

há espaço nos mercados consumidores para um certo tipo de produção local. O papel dos laticínios é fundamental, estes tem por objetivo aumentar sua capacidade de beneficiamento e sua tesouraria para envolver e atrair mais produtores, conduzir um marketing eficiente que valoriza os produtos locais para garantir espaço no mercado. O governo possui instrumentos de intervenção que podem favorecer essa evolução, através de política fiscal, crédito industrial, selos de qualidade, campanhas de vacinação e higiene na propriedade, incentivos à produção leiteira ... etc. Todavia, a perspectiva pode ser a mesma que na fase 2: depois dos pequenos laticínios terem estruturado uma bacia leiteira e uma imagem de produto local, pode entrar um laticínio maior que tomará o lugar de todos e passará a dominar a cadeia, impondo suas condições ao produtor familiar.

CONCLUSÃO

A atividade leiteira é uma das vias de fortalecimento da Agricultura familiar na Amazônia, o que justifica políticas públicas voluntárias para este setor. Todavia deve-se levar em conta a diversidade de situações encontradas em cada região, decorrendo de níveis diferentes de organização da cadeia produtiva. Num primeiro nível de organização, deve-se viabilizar a implantação de indústrias, proporcionando acesso a mercados e boas condições de coleta da matéria prima. As ferramentas principais estão na área de infra-estruturas, crédito e formação de recursos humanos. No segundo nível de organização se trata de prevenir o desenvolvimento capitalístico da cadeia produtiva do leite, que levaria à exclusão da Agricultura Familiar, como acontece em outras regiões (Jank et. Al). Assistência técnica, aumento de produtividade nas fazendas, política de regulação dos preços ao produtor são alguns dos elementos que poderiam ser utilizados. No terceiro nível de organização da cadeia se trata de valorizar a atividade leiteira no quadro da agricultura peri-urbana, a partir de incentivos para as pequenas indústrias, garantias de qualidade para o consumidor, marketing para os produtos regionais, apoio técnico ao produtor para valorizar os potenciais específicos duma bacia agrícola. Políticas adequadas poderão levar o estado a desfrutar suas grandes vantagens comparativas para produção de leite, e contribuindo ao fortalecendo a classe de produtores familiares.

Tabela 1	Fase 1 Exemplo : Uruará (Transamazônica)	Fase 2 Exemplo : São Félix do Xingú (Sul do Pará)	Fase 3 Exemplo : Castanhal (Zona Bragantina)
Descrição da cadeia	<ul style="list-style-type: none"> - Mercado : local (alguns milhares de litros) - Modo de comercialização¹ : venda direta ao consumidor - Produto : leite cru 	<ul style="list-style-type: none"> - Mercado : nacional (absorção ilimitada²) - Modo de comercialização : freiteiros recolhendo o leite na porteira - Produto : queijos simples 	<ul style="list-style-type: none"> - Mercado : regional ; amplo mas competido - Modo de comercialização : freiteiro recolhendo o leite na porteira - Produto: queijos finos, iogurtes, leite past.
Tipo de indústria	Nenhuma indústria	Unidades avançadas numa rede regional (80 – 100 000 litros/dia)	Pequenas unidades de tipo familiar ou PME (menos de 2000 litros/dia)
Impacto sobre produtores familiares	<ul style="list-style-type: none"> - Perda de tempo e risco para comercialização do leite "no caneco" - Difícil acesso a insumos, crédito e aumento de produção / produtividade - Renda suficiente para justificar uma especialização no leite - Preço alto (R\$ 0,50/litro) 	<ul style="list-style-type: none"> - Renda frequente e segura - Quebra do isolamento - Acesso a serviços, insumos e créditos - Facilidade para aumento da produção / produtividade - Valorização fundiária - Reprodução da família - Preço menor 	<ul style="list-style-type: none"> - Preço alto - Exigência de qualidade forte - Fraca capacidade de apoio do laticínio para o produtor - Renda do leite pode ser inferior a outras atividades agrícolas
Impactos sobre desenvolvimento regional	<ul style="list-style-type: none"> - Limitado a algumas dezenas de produtores, próximo ao centro de consumo - Não há geração de empregos nos setores secundários e terciários - Atividade marginal na região 	<ul style="list-style-type: none"> - Grande número de produtores envolvidos ; impacto local forte - Manutenção das estradas - Fixação do homem no campo - Fortalecimento dos comercios básicos e serviços nas vilas - Geração de renda rurais e urbanas 	<ul style="list-style-type: none"> - Limitado a uma minoria de produtores, cujo pequena parte pertence à agricultura familiar - Dificuldade a implementar processos de adoção de tecnologias - Importação de produtos lácteos
Fatores limitantes	<ul style="list-style-type: none"> - Acesso ao mercado - Capital para investimento industrial ou união de produtores para implementar uma estrutura comunitária 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa qualidade da matéria prima - Possível evolução para uma situação de monopólio a nível da indústria - Dependência dos produtores em relação ao laticínio 	<ul style="list-style-type: none"> - Alto custo da terra e da mão de obra - Condições de infra-estruturas, assistência técnica, acessos a mercado e custos de produção favorecem outras atividades agrícolas no quadro da AF - Exigências de preço e qualidade
Medidas possíveis	<ul style="list-style-type: none"> - Melhorar as vias de acesso ao mercado (Rodovia Transamazônica) - Apoio financeiro e logístico à implementação de cooperativas - Incentivos fiscais para indústrias - Formação de recursos humanos locais 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação de produtores - Legislação sobre preço mínimo na porteira - Pesquisa-Desenvolvimento para melhorar a produtividade dos sistemas - Formação de produtores e iniciativas para qualidade da matéria prima 	<ul style="list-style-type: none"> - Legislação do trabalho mais adequada - Pesquisa-desenvolvimento, assistência técnica para melhor aproveitar as possibilidades de complementação alimentar - Formação de produtores e iniciativas para qualidade da matéria prima

¹ a nível do produtor

² o mercado pode absorver qualquer aumento da produção na bacia considerada

	- Formação de produtores e iniciativas para qualidade da matéria prima		- Incentivos fiscais para apoiar as indústrias locais
--	--	--	---

BIBLIOGRAFIA CITADA

DA VEIGA J.B., POCCARD-CHAPUIS R., PIKETTY MG., TOURRAND JF., 2000 : "Produção leiteira e desenvolvimento regional na Amazônia Oriental", Revista eletrônica AGROCAST, novembro 2000.

FAMARO H., 1998 : "Le marché de la viande de Belém". Tese de mestrado na faculdade de Montpellier 1, Montpellier 1998.

IBGE, 1996 : Censo agropecuário, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1996.

JANK, M.S., FARINA, E.Q., GALAN, V.B., 1999. O agribusiness do leite no Brasil. USP, FIA, PENSA, IPEA, Ed Milkbiz. São Paulo. 108 p.

LUDOVINO R., LOBO I., PESSOA R., TOURRAND J.J., DA VEIGA J.B., 1996 : "A pecuária no sistemas de produção familiar do Sul e do Sudeste do Pará", Anais da xxxv Reunião da SBZ, 27 a 31 de julho de 1998, Botucatu-SP

POCCARD-CHAPUIS R., 1997 : Filières bovines et construction de l'espace sur les fronts pionniers d'Amazonie Orientale. L'exemple du municipe d'Uruará". Tese de mestrado, Faculdade de Paris 1, Paris 1997

POCCARD-CHAPUIS R., VIEIRA L.C., KANEYOSHI M.H.F., 2000 : "A dinâmica leiteira na microregião de Castanhal", relatório de Pesquisa, projeto 13 099 650, Embrapa Amazônia Oriental, Belém-PA, 2000.

POCCARD-CHAPUIS

TOURRAND JF, DA VEIGA JB. (ed) : "Caracterização da viabilidade da agricultura familiar na Amazônia Oriental", Belém-PA, 2001 (livro no prelo).